

R..., o romancista da moda, regressava a Viena de manhã cedo, depois de uma excursão de três dias pela montanha. Comprou um jornal na estação: os seus olhos fixaram-se na data, e lembrou-se, de repente, que era a do seu aniversário.

«Quarenta e um anos» — pensava ele; e isso não lhe causava alegria nem tristeza. Folheou, de passagem, as folhas rangentes do jornal; em seguida tomou um táxi e foi para casa.

O criado, depois de o ter informado de que durante a sua ausência tivera duas visitas e alguns telefonemas, trouxe-lhe o correio, numa bandeja. O romancista olhou para as cartas, com indolência, e rasgou os sobrescritos que mais lhe interessavam. Pôs de parte uma carta de letra desconhecida e que lhe pareceu bastante volumosa. O chá estava servido; instalou-se comodamente na sua poltrona, percorreu uma vez mais o jornal e alguns impressos; depois, acendeu um cigarro e pegou na carta que havia posto de lado.

Era cerca de uma dúzia de páginas cheias, numa letra agitada, de mulher, mais um manuscrito do que uma carta. Involuntariamente, tateou ainda uma vez o sobrescrito, para ver se não teria ficado lá dentro qualquer carta. Mas o sobrescrito estava vazio, e, tal como as folhas, também não trazia nem a assinatura nem a direção do expedidor.

«É estranho...», pensou ele, pegando nas folhas.

Como epígrafe ou como título, no alto da primeira página, viam-se estas palavras: «A ti, que nunca me conheceste.»

Parou, admirado.  
Tratar-se-ia dele? Tratar-se-ia de um ente imaginário?  
A sua curiosidade despertou e começou a ler.

\*  
\*   \*

«O meu filho morreu ontem. Durante três dias e três noites lutei com a morte para salvar essa pequena e terna existência; durante quarenta horas estive sentada à sua cabeceira, enquanto a gripe sacudiu o seu pobre corpo, que ardia em febre. Refresquei-lhe a testa em fogo e segurei, dia e noite, nas suas mãozinhas febris. Na terceira noite, encontrava-me esgotada. Os meus olhos não podiam mais: fechavam-se sem eu dar por isso.

Foi assim que fiquei três ou quatro horas adormecida na minha cadeira, e, durante esse tempo, a morte levou o meu filho. Agora, ele ali está, o pobre e querido pequenino, na sua caminha estreita de criança, tal como no momento da sua morte; apenas lhe fechei os olhos, os seus olhos sombrios e inteligentes, cruzei-lhe as mãos sobre a camisa branca e acendi-lhe quatro velas aos quatro cantos da cama.

Não ousou sequer fitá-lo; não ousou tocar-lhe, porque, logo que a luz vacila, as sombras deslizam sobre o seu rosto e sobre a sua boca fechada, e parece-me que as feições dele se animam e chego a crer que não está morto, que vai acordar, e que a sua voz clara vai dizer-me algumas palavras cheias de infantil ternura. Mas eu bem sei que está morto; e não quero mais olhar para ele, para não ter uma nova desilusão.

Eu sei... eu sei... que o meu filho morreu ontem; agora só me restas tu no mundo, tu, que não sabes nada de mim, e que, a estas horas, te divertes, talvez, com os homens e com as coisas. Só te tenho a ti, que nunca me conheceste e a quem eu tenho amado sempre.

Agarrei na quinta vela e pu-la aqui sobre a mesa em que te escrevo. Porque não posso ficar só, ao pé do meu filho morto, sem gritar com toda a minha alma. E a quem me poderei dirigir nesta hora terrível, senão a ti, a ti que tens sido tudo para mim, e que o és ainda?

Não sei se me exprimo com clareza... talvez não me entendas. A minha cabeça está tão pesada, sinto-me tão mal! Creio que tenho febre; é, talvez, também a gripe, que ronda agora de porta em porta, e isso seria o melhor, porque assim partiria com o meu filho, e não seria obrigada a fazer nada contra mim.

Um véu sombrio passa diante dos meus olhos; talvez nem mesmo seja capaz de acabar esta carta; mas vou reunir todas as minhas forças para te falar uma vez, ó meu bem-amado, a ti que nunca me conheceste.

É só a ti que me quero dirigir, é a ti que, pela primeira vez, direi tudo. Ficarás conhecendo toda a minha vida, que sempre te pertenceu, sem que nunca o soubesses.

Mas só conhecerás o meu segredo quando eu estiver morta, quando não me puderes responder, quando isto, que fez agora passar no meu corpo tanto gelo e tanto fogo ao mesmo tempo, me tiver definitivamente levado. Se eu sobreviver, rasgarei esta carta e continuarei a calar-me como me calei sempre.

Mas, se ela chegar às tuas mãos, ficarás sabendo que é uma morta que te conta a sua vida, a sua vida que te pertenceu, desde a primeira à última hora da sua existência.

Não tenhas medo das minhas palavras; uma morta não reclama nada; não reclama nem amor, nem compaixão, nem consolação. A única coisa que te peço é que creias em tudo que te vai revelar a minha dor, que se refugia em ti. Crê em tudo quanto digo: é o único pedido que te faço. A gente não mente na hora da morte de um filho único!

Quero contar-te toda a minha vida, esta vida que, na verdade, só começou no dia em que te conheci. Antes, era ape-

nas uma coisa perturbada e confusa, na qual a minha recordação nunca mergulhara; era como uma casa onde a poeira e os panos velhos cobrem os objetos e os seres imprecisos, de que o meu coração já não se lembra. Quando te conheci, tinha eu treze anos e habitava na casa que habitas, nessa casa onde seguras agora nas tuas mãos esta carta — o meu último sopro de vida. Eu morava no mesmo andar, precisamente em frente da tua porta.

Não te lembras, com certeza, de nós, da pobre viúva de um funcionário das finanças (que andava sempre de luto) e da criança magra e mal desabrochada que eu era então; nós vivíamos muito retiradas, como que perdidas na nossa mediocridade. Tu nunca soubeste o nosso nome, porque não tínhamos placa na porta e ninguém nos vinha ver, ninguém nos vinha procurar. Foi há tanto tempo já, há quinze ou dezasseis anos! Com certeza já não te lembras, meu bem-amado; mas eu, oh! eu lembro-me apaixonadamente dos mínimos pormenores; eu sei ainda, como se fosse ontem, o dia e mesmo a hora em que ouvi falar de ti pela primeira vez, em que te vi; e como podia ser de outro modo, se foi então que o Universo se abriu para mim?

Consente, meu bem-amado, que te conte tudo, tudo, desde o princípio. Suplico-te que não te canses de ouvir falar de mim durante um quarto de hora, de mim que toda a minha vida não me cansei de te amar.

Antes de ires para o nosso prédio, moravam nos teus aposentos umas pessoas más, irascíveis e conflituosas. Pobres como eram, o que elas mais detestavam eram os vizinhos indigentes, e a nós também, porque não queríamos ter nada de comum com a sua grosseria de pobres sem dignidade. O homem era um bêbedo, batia na mulher e, muitas vezes, éramos acordadas, durante a noite, pelas cadeiras que caíam violentamente e pelo tilintar dos copos partidos. Uma vez, a mulher, espancada até ficar em sangue, com os cabelos em desordem, correu para a escada: o bêbedo gritava atrás dela,

até que os vizinhos o ameaçaram de chamar a polícia. Minha mãe tinha, desde o princípio, evitado relações com eles e proibira-me de falar com os pequenos, que se vingavam de mim sempre que podiam.

Quando me encontravam na rua, dirigiam-me palavras ordinárias, e, um dia, atiraram-me com grandes bolas de neve, de tal forma que me ensanguentaram a testa.

Todo o prédio odiava instintivamente esta gente, e logo que eles se viram embrulhados numa história pouco limpa (creio que o homem tinha sido preso por ladrão), foram obrigados a deixar a casa e todos respirámos. Durante dias, a habitação esteve com escritos, que em breve foram retirados, e eu soube, pela porteira, que um escritor, um senhor só e sossegado, tinha arrendado o andar. Foi então que eu ouvi pronunciar o teu nome pela primeira vez.

Ao fim de alguns dias, vieram pintores, decoradores e estofadores, para pôr em ordem o andar deixado por esses horríveis inquilinos; e ouvia-se o martelar, o barulho de ferramentas, varrer, encerar, mas minha mãe não se incomodava com isso, pois dizia ela que, assim, as cenas de família e as desordens tinham acabado. Tu mesmo não te apercebeste do tempo que durou essa instalação; os trabalhos eram vigiados pelo teu criado, muito correto, baixo, sério, de cabelos brancos, que dirigia tudo calmamente. Ele impôs-se logo a todos nós, porque, no nosso prédio de bairro pobre, um criado tão imponente era qualquer coisa de novo, e, depois, porque era muitíssimo amável com toda a gente, sem, no entanto, se familiarizar com a vizinhança e a tratar com igualdade. Desde o primeiro dia, cumprimentou respeitosamente minha mãe como a uma senhora, e mesmo comigo, que era apenas uma garota, mostrava-se afável e sério.

Quando pronunciava o teu nome, era sempre com uma certa reserva, um certo respeito, uma consideração particular.

Percebia-se logo que te era mais dedicado do que habitualmente os criados costumam ser. Ah! como eu estimei, por